



**FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE - FACES
LETRAS**

IVANEIDE ALVES TAVARES DE AGUIAR

**Machado de Assis historiador:
a escravidão no conto “Pai contra mãe”**

**BRASÍLIA
2012**

IVANEIDE ALVES TAVARES DE AGUIAR

**Machado de Assis: historiador:
a escravidão no conto “Pai contra mãe”**

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB) – Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES, orientada pela Professora Dr.^a Ana Luiza Montalvão Maia.

**BRASÍLIA
2012**

IVANEIDE ALVES TAVARES DE AGUIAR

**Machado de Assis historiador:
a escravidão no conto “Pai contra mãe”**

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB) – Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES, orientada pela Professora Dr.^a Ana Luiza Montalvão Maia.

Aprovada em ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Ana Luiza Montalvão – (UniCEUB –Orientadora)

(UniCEUB)

(UniCEUB)

Dedico este trabalho a meu pai, Vantuir Tavares da Silva e ao meu marido, Luciano Carvalho de Aguiar, que me deram apoio e sempre estiveram ao meu lado me dando força e amor para seguir em frente, realizando assim o meu sonho, a minha formação acadêmica.

Agradeço imensamente a Deus, que me deu sabedoria para realizar meu sonho e competência para finalizá-lo. À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Ana Luiza Montalvão Maia, que me ajudou e que sem esse apoio não seria possível o desenvolvimento de tal pesquisa. Com sua dedicação e conhecimento me mostrou o caminho de mais uma etapa da finalização do Curso de Licenciatura em Letras. Agradeço também a minha família que foi minha inspiração para a realização desse sonho.

(...) ninguém me há de ver contar nada sem um pensamento, uma descoberta, uma solução, um mistério, algo que valha a pena ocupar a atenção do leitor. (Machado de Assis, 1892)

RESUMO: Esta pesquisa tem como objetivo estudar o olhar machadiano sobre a escravidão brasileira através do conto “Pai contra mãe”, *corpus* da pesquisa, e propiciar uma leitura literária em sala de aula, direcionando essa leitura para análise social, cultural e política do contexto brasileiro do século XIX sem esquecer a atualidade da obra machadiana para a interpretação do cotidiano dos alunos.

Palavras – chaves: Escravidão. Século XIX. Leitura. Machado de Assis

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
CAPÍTULO I – ESCRAVIDÃO NEGRA NO SÉC. XIX	11
CAPÍTULO II – A LITERATURA DO SÉCULO XIX.....	15
CAPÍTULO III- MACHADO DE ASSIS NA SALA DE AULA.....	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS.....	29
ANEXOS.....	23

Introdução

A presente monografia terá como ponto de partida a escravidão negra no Brasil sendo Machado de Assis um dos escritores que evidencia em suas obras tal fato. O objetivo dessa pesquisa é mostrar as transformações que a literatura brasileira sofreu desde a colonização e como Machado de Assis se consolidou como escritor no Romantismo, atingindo o ápice na estética realista.

Machado de Assis tinha um olhar sobre o ser humano crítico com um toque de ironia. Ele conseguia fazer um retrato de sua época com uma visão de mundo local, de uma cidade em rápidas transformações sociais, culturais e políticas. Ao mesmo passo que retratava o não sincronismo de tempos, o que transforma seus textos sempre atuais.

As obras de Machado de Assis são uma representação fiel e inovadora da realidade brasileira do século XIX, tornando-o assim um historiador de grandes temas históricos. Nele o local e o global se encontram e se chocam continuamente, como acontece em grandes momentos de transição. É o que veremos na obra “Pai contra mãe”, onde o passado e o presente se cruzam formando figuras de diferença e identidade.

Será apresentada nesse trabalho como Machado de Assis fez suas críticas à escravidão através do conto “Pai contra mãe”, pois a publicação do mesmo se deu após a abolição da escravatura, no ano de 1906, retrata assim a crueldade como eram tratados esses escravos negros e a seqüela que restou na sociedade nos dias atuais.

O trabalho utilizou como metodologia a pesquisa bibliográfica, o argumento de autoridade para substanciar a análise do corpus e o estudo de caso, detalhamento do objeto de estudo pelo viés da visão historiográfica. A monografia tem a seguinte estruturação: o primeiro capítulo mostrará o período colonial e a escravidão negra no Brasil; o segundo analisará o sistema literário brasileiro, onde Machado de Assis veio com a proposta de uma nova literatura nacional e será feito também uma análise do conto machadiano “Pai contra

mãe”; e o terceiro será apresentado um plano de aula, mostrando assim aos alunos a importância de Machado de Assis na literatura brasileira.

Capítulo 1

Escravidão negra do séc. XIX

O período colonial brasileiro teve grande influência na literatura e tendo como palco a escravidão. No Brasil, inicialmente, os portugueses escravizavam os índios, mas por interesse entre os colonizadores e os missionários cristãos, que viam uma forma de catequizar os índios, não teve muito sucesso.

A segunda alternativa de escravidão foi o trabalho escravo de negros vindo da África, que se deu em meados do século XVI, com a produção de açúcar. Os senhores de engenhos compravam os escravos como se fossem mercadorias. Os negros vinham da África em navios negreiros em condições desumanas, acontecendo assim muitas mortes, como mostra Castro Alves em seu poema “O navio negreiro”, que denuncia a miséria a qual eram submetidos os africanos na cruel travessia do oceano:

Stamos em pleno mar... Doudo no espaço
Brinca o luar - dourada borboleta;
E as vagas após ele correm... cansam
Como turba de infantes inquieta.

[...]

Era um sonho dantesco... o tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho.
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães:
Outras moças, mas nuas e espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ânsia e mágoa vãs!

[...]

Presas nos elos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
E chora e dança ali!
Um de raiva delira, outro enlouquece,
Outro, que martírios embrutece,
Cantando, geme e ri!

[...]

Mas é infâmia demais! ... Da etérea plaga
Levantai-vos, heróis do Novo Mundo!
Andrada! arranca esse pendão dos ares!
Colombo! fecha a porta dos teus mares!

(Castro Alves, *Os escravos – O navio negreiro*, 1969)

Devido a maus tratos, os escravos tinham uma estimativa de vida curta, tais maus tratos eram a falta de higiene, alimentação de péssima qualidade, trabalho de sol a sol sem descanso e eram constantemente castigados fisicamente com açoites, segundo mostra Roberto Schwarz (2000 p. 14), “fundada na violência e na disciplina militar, a produção escravista dependia da autoridade, mais que da eficácia”. Muitos escravos se rebelavam e conseguiam fugir, formando nas florestas quilombos¹ e assim podiam praticar sua cultura africana, mas os senhores de engenho tinham seus “homens do mato” que na maioria das vezes capturavam esses fugitivos.

A abolição da escravatura se deu aos poucos, primeiro pela Lei Eusébio de Queiróz que proibiu o tráfico negreiro em 1850, vinte e um anos depois em 1871, a Lei do Ventre Livre que eram livres os filhos de negros que fossem nascidos a partir daquela data, D. Pedro já avaliava que “deveria promover a abolição através da liberdade dos filhos das escravas. A medida, tão logo as circunstâncias o permitissem, deveria ser tomada com firmeza” (Grinberg e Salles, 2009 p.62), mas mesmo assim a escravidão era a roda que girava a economia do Brasil demorando assim a abolição da escravatura.

Em 1885 veio a Lei Saraiva – Cotegipe, conhecida como a Lei dos Sexagenários, que o negro depois dos sessenta anos de idade tinha liberdade, e por último no final do século XIX foi promulgada a Lei Áurea pela princesa Isabel. Depois da liberdade os escravos ainda sofreram muito, devido à falta de emprego não podiam se sustentar e ter uma vida digna, e o principal motivo era o racismo e o preconceito.

¹ Quilombos era um local de refúgio dos escravos no Brasil, em sua maioria afrodescendentes (negros e mestiços), havendo minorias indígenas e brancas. O mais famoso na História do Brasil foi o de Palmares.

O desenvolvimento da literatura brasileira do século XIX é um paralelo entre a história social do Brasil, sendo assim um instrumento de comunicação na sociedade, que faz ligação com a vida social, e é percebida de maneira viva. A literatura da época colonial do Brasil era uma literatura europeia, feita por portugueses ou pelo seus descendentes, devido à origem de a literatura brasileira ser europeia, não houve propriamente a junção das três raças (branco, negro, índio), mas uma literatura adaptada, assim com o tempo foi se adequando com as condições brasileiras. A miscigenação foi com o tempo tomando espaço na literatura, ou seja, foi amadurecendo o processo de adaptação da cultura na literatura:

(...) vê-se que no Brasil a literatura foi de tal modo expressão da cultura do colonizador, e depois do colono europeizado, herdeiro dos seus valores e candidato à sua posição de domínio, que serviu às vezes violentamente para impor tais valores, contra as solicitações a princípio poderosas das culturas *primitivas* que os cercavam de todos os lados. Uma literatura, pois, que do ângulo político pode ser encarada como peça eficiente do processo colonizador. (Candido, 2000, p. 164).

Após a Independência do Brasil, dantes colônia portuguesa, o índio foi para a literatura local com a tentativa de *deseuropeização* do Brasil. Assim os escritores tiveram a oportunidade de criar uma literatura originalmente brasileira, deixando assim a cultura e a literatura de Portugal.

O desejo de independência integral das esferas da alta política até os hábitos de cada um, sendo que várias pessoas trocaram por nomes indígenas os seus sobrenomes, como se isto apagasse a origem e a tradição que as tinha formado. (Candido, 2000, p. 176).

Assim, o Romantismo foi uma promessa para uma literatura totalmente brasileira que fundaria a nação, por isso os temas usados para compor o movimento foram desenvolvidos na base da valorização da natureza, do índio e de aspectos culturais da terra, como muitos romances regionais do século XIX, por exemplo.

O que a literatura colonial fez foi colocar a produção literária brasileira no sistema universal, já o Romantismo queria despertar a consciência nacional, com sua liberdade criadora, para formar a nação, assim supervalorizou o pitoresco e carregou na cor local, tentando “dar as costas” para o que ocorria na literatura mundo. A literatura ganhou então uma grande força com o pitoresco, o exótico e o otimismo social, mas não deu importância a questões

de alta relevância como: características universais, questionamentos estéticos e sociais, entre outros, dando lugar a um regionalismo com exacerbado orgulho da pátria e crendo que tudo ia melhorar com o passar do tempo:

A visão que resulta é pessimista quanto ao presente e problemática quanto ao futuro, e o único resto de milenarismo da fase anterior talvez seja a confiança com que se admite que a remoção do imperialismo traria, por si só, a explosão do progresso. (Candido 2000, p. 141).

Desprendendo-se um pouco dos fatos pelo qual o Brasil se consolidou como país independente e com uma literatura nacionalista, o presente trabalho tomará como foco a segunda metade do século XIX, tendo como estudo a obra de Machado de Assis “Pai contra mãe”. No próximo capítulo será abordado como Machado de Assis brilhantemente teve seu espaço na literatura brasileira.

Capítulo 2

A literatura do século XIX

No fim do século XIX, surge Machado de Assis, um escritor com a promessa de colocar a literatura brasileira nos parâmetros da literatura mundo, consolidando assim o sistema literário brasileiro. Suas obras são de uma tal maestria que acabam sendo consideradas pela crítica uma nova literatura nacional, pois modifica a ideia de nação que os românticos haviam proposto.

O Romantismo no Brasil veio com uma missão de despertar a consciência nacional, com sua liberdade criadora, para formar uma nação. Os escritores como José de Alencar e Gonçalves Dias abordaram em suas obras a paixão nacionalista, sendo o índio o protagonista, como mostra Lúcia Miguel “..., havia um fim comum: o de buscar o homem brasileiro, nas suas origens selvagens, como fez José de Alencar, ou nos aspectos que foi posteriormente assumido, como fizeram os demais.” (1973 p. 62)

Machado tinha uma abordagem diferente dos demais escritores da época, pois o seu alvo foi explorar o *substantivo* homem, que aparece em suas obras, não mais em destaque, mas como complemento das personagens, colocando-o como integrante da sociedade oitocentista. Assim se distanciou do conceito de romantismo em que os primeiros escritores da escola se firmaram, em que eles exploravam o *adjetivo* do homem brasileiro, colocando o índio em destaque, mas que aparece nas obras maquiado, diferente.

Em 1881 lançavam-se os livros *Memórias Póstumas de Brás Cubas* de Machado de Assis e *O Mulato* de Aluísio Azevedo rompendo com as indecisões da época, e formando novas tendências, a da análise e a naturalista, e somente anos depois a regionalista. Os romances tinham a missão de romper com o tradicional, com a velha linha de romances e total espírito de inovação e rebeldia como descreve Lúcia Miguel:

(...), ousadamente , varriam-se de um golpe o sentimentalismo, o moralismo superficial, a fictícia unidade da pessoa humana, as frases piegas, o receio de chocar preconceitos, a concepção

do predomínio do amor sobre todas as outras paixões; afirmava-se a possibilidade de construir um grande livro sem recorrer à natureza, desdenhava-se a cor local, colocava-se pela primeira vez o autor dentro dos personagens; surgiam afinal homens e mulheres, e não brasileiros, ou gaúchos. (Lúcia Miguel Pereira, 1973 p.54)

Assim, através das obras de Machado de Assis e Aluísio Azevedo se conquista definitivamente a independência literária, pois permite a liberdade, dantes reprimida, de concepção e expressão, alterando totalmente o nosso panorama literário. Deu-se um novo rumo ao romance, pois os escritores começaram a escrever para mostrar a realidade da sociedade e não somente para entretenimento dos leitores.

Machado gostava de desvendar os segredos da alma humana, não ficando restrito a peculiaridades locais, mas buscava a natureza do homem, as molas de suas reações. Em seus romances Helena, Iaiá Garcia e Casa Velha ele retrata bem a luta em que o homem enfrenta para se elevar aos parâmetros da sociedade da época, fazendo assim uma alusão a sua mocidade, as dificuldades que enfrentou para se firmar na sociedade, e por conseguinte um grande escritor.

Queria conhecer a verdade sobre o homem, desvendar-lhe o jogo dos sentimentos e dos interesses, saber que molas o impulsionam, e sobretudo seguir-lhe todos os lances da luta com a vida, ser o espectador que aprecia simultaneamente a plateia e os bastidores. (Lúcia Miguel Pereira, 1973 p.71)

Para entender melhor como funcionava a vida, começou a estudar o homem, penetrando em sua alma, no mais profundo âmago. Assim em suas obras são observados um toque de cinismo com uma pitada de humor, ele não se contentava em somente saber como os personagens agiam, pensavam ou sentiam, mas queria entender o motivo pelo qual os tornavam assim, deste modo o leitor tinha que ser capaz de concluir as relações entre as poucas observações que ele mencionava em suas obras.

A imagem homem por Machado de Assis era um mistério, pois o homem lhe parece como animal lógico e que não diferencia o bem e o mal. Ao mesmo passo que existe uma equivalência entre a loucura e a razão, como é encontrado em "O Alienista".

Tem-se a impressão de que às vezes, cansado de se debater no mistério do destino humano, Machado cruzava os braços e se abandonava à corrente cômoda do naturismo. (Lúcia Miguel Pereira, 1955 p.230)

Machado em seus primeiros contos mostra como o homem vivia naquela época, com uma vida promíscua e uma falsa ilusão de mundo perfeito. Machado gostava de brincar com o tempo, deixando assim seus personagens sem capacidade para reformular suas vidas, sem recomporem o tempo passado.

Mas não só o fluir dos anos altera a personalidade, e nem só a sua volta tem o poder de restituí-la tal qual era; sem unidade, antes várias e complexas, muitas das personagens machadianas precisam para ter consciências de si mesmas, de se projetarem em algo de tangível, de exterior. (Lúcia Miguel Pereira, 1955 p.234)

Ficando totalmente preso ao meio, Machado retratava a vida familiar tal como acontecia nos casarões da cidade do Rio de Janeiro. Cada criatura com o seu mundo interior impenetrável, cheio de sentimentos negativos, como o egoísmo e o cinismo. O mundo em que vivia as gentes de Machado era uma grande expressão do egoísmo, assim como o tempo é incerto em suas obras. Como diz Machado de Assis: “O tempo humilha o homem mortal”.

Foi como contista que Machado de Assis se sentiu mais a vontade para relatar a fraqueza humana, pois por ser uma narrativa curta o escritor vai logo direto ao que quer dizer, já o romance tem certo rodeio, com uma narrativa minuciosa, que na maioria das vezes se torna cansativa, e um tanto quanto maçante.

“...pode definir o conto como o flagrante de um indivíduo em determinada circunstância, ou sob determinado aspecto, e o romance como o processo da sua evolução através de circunstâncias varias em que apresenta aspectos vários, será lícito dizer que num se exerce a visão parcial e no outro a global. (Lúcia Miguel Pereira, 1973 p.234)

Mas vale ressaltar que também tinha assuntos minuciosos ao qual requeria uma abordagem indireta, disfarçada, tateante e repetida. Miguel Pereira mostra em um trecho: “Cauteloso quando tratava de sentimentos, ninguém entretanto o venceu em presteza quando queria armar uma cena, compor um ambiente.(1973 p. 104)

O romance é a vida, o conto é o caso, a anedota. A própria natureza do gênero exige uma certa limitação, uma tendência a ver de perto, à moda dos míopes. O episódio, para ter realce, requer os vidros de aumento da análise minuciosa, que no romance perturbam a visão do conjunto. E esse parece ter sido o modo de trabalhar de Machado. (Lúcia Miguel Pereira, 1955 p.226)

Assim, Machado de Assis procurava sempre mostrar a verdade, que em suas obras são retratadas como verdade humana, precária e mutável. Dessa forma, Chalhoub mostra que Machado teve uma concepção que não é de maneira alguma habitual entre os historiadores que lhe foram contemporâneos: os dependentes, os escravos, os pobres, os anônimos foram os verdadeiros atores históricos e políticos do processo de dissolução da ordem social própria ao Brasil do Segundo Reinado. Assim será discutido posteriormente, mostrando como isso se deu na obra de análise a qual deu título ao presente trabalho.

O conto “Pai contra mãe”, *corpus* da pesquisa, foi publicado em 1906, no livro *Relíquias da casa velha* e tem características realistas. A narrativa acontece no Rio de Janeiro do século XIX antes da abolição da escravatura, que lhe serve como pretexto para mostrar que a escravidão ainda existia, mesmo depois da abolição.

Quando o conto foi publicado, a escravidão já tinha sido abolida e fazia parte do passado, Machado ao escrever o texto começou como se fosse escrever algo sobre uma profissão desaparecida que com o progresso fora extinta, tal ofício era o caçador de escravos. A narrativa traz uma figura de um homem miserável que não gostava de trabalhar e que forma uma família também miserável. Tal personagem é Cândido, que é um caçador de escravos fugidos que os capturava para entregá-los aos seus senhores. Diferentemente daqueles que trabalhavam em zonas rurais andando pelos montes e florestas, vestindo chapéus e capas seguidos por cachorros, que eram os conhecidos capitães do mato, Cândido trabalhava na cidade, caçando negros fugitivos pelas ruas, mercados e espeluncas.

No conto, “Pai contra mãe” Machado mostra o reflexo do homem brutal. A cena do aborto da escrava faz uma analogia com a escravidão, pois Machado acostumado a tratar de temas graves e problemáticos, a cena realista

do aborto provocada por uma violência lhe dá uma visão diferente, sem humor e com tom irônico. Acusado de ignorar a escravidão e a questão racial, ao contrário de Lima Barreto, que fez do negro uma literatura crítica da escravatura. Machado retrata assim no conto, a triste condição humana, como mostra Lúcia Miguel: “Ao horrível de Machado de Assis, cuja sobriedade de cor e de tom é mais própria à análise do que à descrição de cenas brutais.” (1955 p.232)

No começo do conto tem-se quatro parágrafos descritivos de como eram os maus tratos que os escravos recebiam na época. Como os escravos não aceitavam a vida que levavam de condições desumanas, eles sempre procuravam um jeito de fugir, assim os seus senhores pagavam uma recompensa para aqueles que os capturassem, no caso os capitães do mato. O conto começa com Cândido Neves que queria ter uma vida estável e não gostava de trabalhar: “Tinha um defeito grave esse homem, não aguentava emprego nem ofício, carecia de estabilidade”. (Machado de Assis)

Machado deixa um tom de ironia quando escolhe os nomes para os seus personagens, “Cândido” o que corresponderia à pureza e inocência é na realidade uma personagem rude e de caráter duvidoso, por sua vez temos “Clara” a mulher de Cândido, que remete a uma pessoa de raça branca e que poderia ter um brilho, ao passo que se mostra na narrativa uma personagem apagada e submissa. “Mônica” a tia de Clara, significa sozinha, viúva, mas na narrativa não aparece sozinha, sempre está perto do casal.

Tem-se na obra a narração em terceira pessoa, e é o próprio narrador que revela os sentimentos dos personagens. De acordo com Lúcia Miguel (1955 p.231), Machado coloca o homem à margem da sociedade, traz em seu conto o problema do egoísmo humano. O meio hipócrita em que vive as personagens, é ironizado pelo narrador. Assim Candinho e a escrava Arminda são da mesma classe social, porém tem papéis diferentes na sociedade.

O enredo, no qual Cândido é a peça principal, começa descrevendo o defeito que Candinho tinha de não gostar de nenhum ofício, assim não parava em nenhum emprego. Ele queria dinheiro, fácil e rápido, sem muito esforço. Quando veio a paixão pela moça Clara, que era órfã e morava com sua tia

Mônica. Casaram-se e foram morar com a tia. Depois do casamento se falava em filhos e a tia reprimia devido à situação de falta de dinheiro: “Vocês, se tiverem um filho, morrem de fome”. Mas não adiantou a reprimenda, pois passado algum pouco tempo, Clara estava à espera de um herdeiro. Ela trabalhando muito e ele pouco fazia, até que pegar escravos fugitivos lhe trouxe um novo encanto. Mas a facilidade com que apanhava os escravos fujões começou assim a escassear os negros, pois muitos do que não tinha ofício também começaram a ficar nas ruas para pegar os escravos fugitivos.

Em meio a essa vida difícil, sem dinheiro a criança veio a nascer, tia Mônica mais uma vez reprimiu o casal e aconselhou levar a criança para a roda dos enjeitados. Mas como Candinho não conseguiu pegar mais nenhum negro foi obrigado a levar o filho que nascera a roda dos enjeitados. No trajeto ele vê uma escrava que ele estava de olho na recompensa havia alguns dias, a escrava Arminda estava grávida e lhe implora para não entregá-la a seu senhor, mas não obstante, Candinho não pensa duas vezes em salvar seu filho, resgatando assim a recompensa.

Por motivo de confronto e brutalidade Arminda perde seu filho. Machado termina o conto com uma frase intrigante “Nem todas as crianças vingam”. Lúcia Miguel descreve a ironia de Machado: “Há momentos em que a crueldade minuciosa, fria, repisada dos exames a que procede, dissecando ações e intenções, dá impressão de cinismo”. (1973 p. 73)

O conto é intrigante, pois mostra a realidade da escravidão, é como se fosse um protesto contra a escravatura. Mostra como Machado trabalha com o psicológico humano, tentando justificar a troca de uma vida pela outra. A escrava Arminda e Cândido, ambos viam em seus filhos a oportunidade de mudança, uma esperança de retomada de valores afetivos que até o momento não o haviam gozado. Assim, ter os filhos era como se vissem um futuro diferente para eles.

Sidney Chalhoub (2003 p. 57) destaca a relação dos escravos que eram “livres” só no papel, pois não tinham para onde ir depois da alforria e acabavam ficando com seus senhores e fazendo o mesmo serviço de antes, ou porque os seus senhores demoravam em libertá-los, assim os escravos acabavam tendo

uma relação de dependência com seus senhores, e um dos motivos eram os castigos e açoites, assim os escravos eram anestesiados com tal situação.

“... os escravos lutavam intensamente pela liberdade, e via de regra organizavam sua vidas em função da expectativa de alcançar esse objetivo. As características mais essenciais do tipo de dependência a que estavam submetidos os escravos eram o castigo físico e a condição de propriedade”. (Sidney Chalhou, 2003 p. 57)

Machado em seus romances faz críticas mostrando bem essa relação, só que maquiada, devido os seus livros serem de leitura que ambientava as casas dos senhores de escravos não seria prudente fundar seus romances na escravidão. Assim, Machado se fazia um bom entendedor de suas críticas pelos leitores, que mesmos sem querer compreendiam a verdadeira intenção dos seus enredos nos romances.

“...Machado de Assis abordava, na verdade, a lógica de dominação que era hegemônica e organizava as relações sociais do Brasil oioceintista, incluído aí o problema do controle dos trabalhadores escravos, a *relação produtiva de base*”. (Sidney Chalhou, 2003 p. 57)

Machado evidencia a diferença entre escravos e pobres livres, Candido tem todo o direito de criar seu filho ao passo que a escrava Arminda não o tem. Assim Candido tem uma alusão de liberdade e pode criar seu filho.

Era como se Machado tivesse justamente de sair do tempo histórico das narrativas para encontrar a liberdade necessária para dar sentido a sua história, liberdade nem sempre propiciada pelos compromissos estéticos com o enredo dos romances, mas sim pela explicitamente alegórica e moralista. (Sidney Chalhou, 1998 p.42)

No próximo capítulo será abordado Machado de Assis na sala de aula que tratará da questão da escravidão no conto “Pai contra mãe” e terá também como foco o trabalho do texto em sala de aula.

Capítulo 3

Machado de Assis na sala de aula

Nos capítulos anteriores, fez-se uma abordagem a respeito de como foi a escravidão negra no Brasil e o desenvolvimento da literatura brasileira do século XIX, fazendo um paralelo entre a história social do Brasil. Também foi mencionado o surgimento de Machado de Assis na literatura brasileira e suas abordagens como escritor e conseqüentemente a análise do conto “ Pai contra mãe”, obra que é o *corpus* da pesquisa.

No presente capítulo será apresentado um plano de aula para ser ministrado no 1º ano do Ensino Médio. O que se busca com esse trabalho é incentivar o aluno a ter uma familiaridade com a obra de Machado de Assis, tornando-o crítico e conhecedor das ocorrências irônicas presentes na obra desse autor.

A literatura entrou em sala de aula como componente curricular em meados dos anos 1800, onde eram estudados literatos brasileiros. Com o passar dos tempos a literatura foi sendo estudada nas escolas de uma forma mecânica, em memorização de datas e partes das obras. Por conseqüência, muitos autores de grande importância social e cultural brasileira foram deixados em segundo plano ou até mesmo esquecidos.

Assim, é necessário que o professor trabalhe com os alunos o letramento literário para instigar o desejo pela leitura. O texto literário em sua complexidade se transforma em um leque de interpretações, sendo um atrativo para o leitor decodificar os códigos de linguagem e as intenções do autor.

Trabalhar a literatura em sala de aula é trabalhar o ser humano em sua complexidade. É visitar a história de quem somos e do que construímos. A literatura não tem compromisso com a realidade, mas, muitas vezes, trata a realidade com muito mais propriedade do que qualquer outra forma discursiva. (Alexandre Guimarães, 2012 p.24)

Dessa forma o texto literário tem sua funcionalidade histórico-social, e tem por objetivo aproximar o leitor do prazer da leitura, formando cidadãos que sejam leitores críticos.

Anexos

PLANO DE AULA

Professor (a): Ivaneide Alves Tavares de Aguiar

Escola: Centro de Ensino Médio 414 de Samambaia

Disciplina: Literatura

Turma: 1º ano do ensino médio

Duração: 3 aulas de 50 minutos

Assunto: estudo do conto “Pai contra mãe” de Machado de Assis

COMPETÊNCIA (S)	HABILIDADE (S)	PROCEDIMENTOS
<ul style="list-style-type: none"> Compreender as especificidades do gênero narrativo; Compreender a importância do autor Machado de Assis na literatura brasileira; Compreender a escravidão no conto “Pai contra mãe” de Machado de Assis. 	<ul style="list-style-type: none"> Reconhecer e identificar as especificidades do gênero narrativo; Identificar a importância da literatura brasileira por meio do estudo do conto de Machado de Assis. Reconhecer e identificar no conto “Pai contra mãe” de Machado de Assis a escravidão. 	<ul style="list-style-type: none"> Apresentando o autor, mostrando trechos da obra “Pai contra mãe” de Machado de Assis; Leitura completa da obra destacando trechos característicos do estilo machadiano. Leitura e debates a respeito da escravidão presente na obra de Machado de Assis. Exercitando o aprendizado utilizando de exercício avaliativo.

BIBLIOGRAFIA:

- ASSIS, Machado de, *Relíquias da casa velha*, ed. Garnier. Rio de Janeiro: 1906
- NICOLA, Ernani Terra e José de; CAVALLETE, Floriana Toscano, Português para o Ensino Médio. 1ª Edição. ed Scipione. São Paulo: 2001.
- SIMÕES, Márcia de Benedetto Aguiar; SANTOS, Inês Candido dos, textos e Linguagem. 1ª Edição. São Paulo: Escola Educacional, 2006

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Na primeira aula:

Em aula expositiva dialogada, serão lidos os cinco primeiros parágrafos do conto “Pai contra mãe” de Machado de Assis. Em seguida o professor explanará rapidamente acerca da escravidão no Brasil, podendo convidar um (a) professor (a) de História para contar a origem da escravidão negra no Brasil.

“A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha-de-flandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dois para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Com o vício de beber, perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí ficavam dois pecados extintos, e a sobriedade e a honestidade certas. Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel. Os funileiros as tinham penduradas, à venda, na porta das lojas. Mas não cuidemos de máscaras.

O ferro ao pescoço era aplicado aos escravos fujões. Imaginai uma coleira grossa, com a haste grossa também, à direita ou à esquerda, até ao alto da cabeça e fechada atrás com chave. Pesava, naturalmente, mas era menos castigo que sinal. Escravo que fugia assim, onde quer que andasse, mostrava um reincidente, e com pouco era pegado.

Há meio século, os escravos fugiam com frequência. Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão. Sucedia ocasionalmente apanharem pancada, e nem todos gostavam de apanhar pancada. Grande parte era apenas repreendida; havia alguém de casa que servia de padrinho, e o mesmo dono não era mau; além disso, o sentimento da propriedade moderava a ação, porque dinheiro também dói. A fuga repetia-se, entretanto. Casos houve, ainda que raros, em que o escravo de contrabando, apenas comprado no Valongo,

deitava a correr, sem conhecer as ruas da cidade. Dos que seguiam para casa, não raros, apenas ladinos, pediam ao senhor que lhes marcasse aluguel, e iam ganhá-lo fora, quitandando.

Quem perdia um escravo por fuga dava algum dinheiro a quem lho levasse. Punha anúncios nas folhas públicas, com os sinais do fugido, o nome, a roupa, o defeito físico, se o tinha, o bairro por onde andava e a quantia de gratificação. Quando não vinha a quantia, vinha promessa: "gratificar-se-á generosamente", — ou "receberá uma boa gratificação". Muita vez o anúncio trazia em cima ou ao lado uma vinheta, figura de preto, descalço, correndo, vara ao ombro, e na ponta uma trouxa. Protestava-se com todo o rigor da lei contra quem o acoitasse.

Ora, pegar escravos fugidos era um ofício do tempo. Não seria nobre, mas por ser instrumento da força com que se mantêm a lei e a propriedade, trazia esta outra nobreza implícita das ações reivindicadoras. Ninguém se metia em tal ofício por desfastio ou estudo; a pobreza, a necessidade de uma achega, a inaptidão para outros trabalhos, o acaso, e alguma vez o gosto de servir também, ainda que por outra via, davam o impulso ao homem que se sentia bastante rijo para pôr ordem à desordem." (Machado de Assis, "Pai contra mãe", 1906)

Na segunda aula:

Será feita uma breve apresentação da biografia de Machado de Assis e sua importância para a literatura brasileira. Será lido o conto "Pai contra mãe" de Machado de Assis, destacando suas características, tais como a ironia.

O professor pedirá para os alunos trazerem na aula seguinte exemplos que abordem a questão da ironia, como artigos de jornais, histórias literárias, tirinhas, entre outros.

Na terceira aula:

Debater sobre o exercício solicitado na aula anterior. Em seguida, o professor deverá elaborar atividades a respeito desse assunto e entregar aos alunos para avaliação. Convém destacar que a partir dos assuntos expostos,

os alunos desenvolverão uma atividade avaliativa a respeito da obra estudada, bem como a escravidão negra no Brasil.

Exercício Avaliativo:

1. Porque o autor descreveu no conto primeiro, como era a escravidão?
2. Da perspectiva de Clara, como foi o encontro com Cândido Neves? Pode-se dizer que foi amor à primeira vista?
3. No trecho *“O encontro deu-se em um baile; tal foi – para lembrar o primeiro ofício do namorado – tal foi a página inicial daquele livro, que tinha de sair mal composto e pior brochado.”* Essa referência tem como tema livro mesmo? Ou o narrador está fazendo uma espécie de comparação?
4. Ainda utilizando do trecho da questão anterior, a caracterização do livro se aplica também ao amor de Cândido e Clara? Justifique.
5. No trecho *“Um dia, porém, deu sinal de si a criança; varão ou fêmea, era fruto abençoado que viria trazer ao casal a suspirada ventura.”* O fruto era abençoado para quem? Justifique sua resposta.
6. Seguindo a mesma linha da questão anterior, a escrava Arminda teve o mesmo fruto abençoado que traria uma suspirada ventura?
7. Porque tia Mônica queria que o filho de Cândido e Clara fosse para a Roda dos Enjeitados? O que salvou o menino de ser levado para a Roda dos Enjeitados?
8. Explique esse trecho *“Nem todas as crianças vingam, bateu-lhe o coração.”*

Considerações finais

Esse trabalho teve como finalidade mostrar a importância de Machado de Assis na sala de aula, e teve como contrapartida o conto “Pai contra mãe”, ao qual mostra nitidamente a mão de obra escrava e a ironia machadiana. Machado faz uma relação entre o cultural e o social se mostrando preocupado com a realidade nacional da época.

Trabalhar esse conto em sala de aula tem uma grande relevância, pois contribui para uma formação de um leitor crítico, incentivando o aluno a conhecer a literatura brasileira desde os seus primórdios até os dias atuais. Percebendo a importância de Machado de Assis na literatura nacional e a sua contribuição para o Romantismo e o Realismo.

A literatura em sala de aula faz com que os alunos identifiquem intenções dos textos e percebam as características de cada autor. Machado de Assis estava muito a frente de seu tempo, comprometido com as questões sociais, políticas e culturais do processo de conhecimento crítico do Brasil, o que faz com que suas obras sejam atuais.

Utilizar o conto “Pai contra mãe” em sala de aula propicia aos alunos uma viagem ao passado, ao tema da escravidão negra no Brasil, dando margem a uma interdisciplinaridade com a história sociocultural brasileira. Abrindo assim, um viés para a discussão literária na sala de aula.

Portanto, Machado de Assis contribui para uma análise da realidade brasileira e conseqüentemente, à realidade vivenciada pelos alunos que permitem a leitura, análise, interpretação e principalmente a conscientização dos alunos da realidade brasileira para uma formação de um leitor crítico.

Referências

- ASSIS, Machado de. *Relíquias da casa velha*, Rio de Janeiro: Garnier, 1906.
- BRAYNER, Sonia. *Labirinto do espaço romanesco*. Tradição e renovação da literatura brasileira: 1880-1920. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/INL, 1979.
- CANDIDO, Antonio. *A literatura de dois gumes*. In _____. *Educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 2000.
- CHALHOUB, Sidney ; AFFONSO, Leonardo. *A história contada. Capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- GLEDSOON, John. Machado de Assis. *Ficção e História*. Tradução de Sonia Coutinho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- GRIMBERG, Keila; SALLES, Ricardo. *O Brasil Imperial. 1870- 1889*. volume III. São Paulo: Civilização Brasileira, 2009.
- GUIMARÃES, Alexandre H T; BATISTA, Ronaldo O. *Língua e Literatura: Machado de Assis na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2012.
- LUCAS, Fábio. *O núcleo e a periferia de Machado de Assis*. São Paulo: Manole, 2009.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. *História da Literatura Brasileira. Prosa de Ficção – 1870 a 1920*. 3 ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.
- _____. *Machado de Assis. Estudo crítico e biográfico*. 5. ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.
- SARAIVA, Juracy Assman. *O circuito das memórias*. 2 ed., São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Nankin Editorial, 2009.
- SCHWARZ, Roberto. As ideias fora do lugar. In: _____. *Ao vencedor as batatas*. 2 ed., São Paulo: Duas Cidades, 1981.